

Rubem Braga

UM PESCADOR E O SEU MAR

OS dias e noites passam sobre a cabeça de meu amigo, êle envelhece lentamente e um pouco tonto. Quando, às vèzes, desperta, no primeiro instante não sabe se é tarde ou madrugada.

Chega até à janela, olha o mar; há sol. Mas que vento é êste? Entende pouco de ventos e pensa com tristeza: “se nada sei de ventos e lua e marés, como acaso algum dia poderei entender um pouco ao menos de mulher?”

Uma noite, em um bar fechado, era tão tarde que lá fora talvez fôsse de manhã cedo, êle viu a mulher jovem e fina; estava escuro, a mulher lhe pareceu muito branca sob a mancha escura dos cabelos, os braços longos, alvos. E distraído ficou vagamente vendo de que lado poderia estar ventando; ela penderia para o norte como o pinheiro? Árvores, mulheres, mar, tudo tem a mesma substância e mutação; a tudo é preciso estar amorosamente atento.

No seu ouvido martelam frases vulgares — “hoje o mar não está para peixe” ou “a noite ainda é uma criança” ou o comêço do primeiro período da prova do Direito Romano, naquele ponto que todo ano caía: “Um dia, às margens do Genesareth, o lago azul que banha as terras santas da Palestina, humildes

pescadores ouviram uma voz que lhes dizia...”

Não importa mais o que dizia a voz. Cabe ao humilde pescador ficar quieto em sua praia olhando seu mar, de preferência pela madrugada, sentindo seu mar, pensando seu mar. Olhar nos olhos; sempre se compararam olhos e lagos. Mas não há apenas os olhos, há também o gesto do braço esquecido, do pé distraído; seria preciso instituir nas melhores faculdades uma cadeira chamada “Mecânica da mulher quando distraída”; há olhares de quem está pensando em outra coisa, olhares feitos diretamente pelo vago-simpático, há o jeito da mulher distraída perguntar — “hein?”

E o humilde pescador sabe o gôsto da linha tensa e o da linha que de súbito bambeia. Pescar, ensinava Izaak Walton, é a um tempo ação e contemplação. Que vento está soprando hoje essas espumas do mar e êsses caprichos de mulher, a que hora vai nascer a lua, e quando vem a preamar? Vamos levar nossa tribo tôda para a beira do rio, vamos atravessar matas e montanhas e sóis e luas até chegar à beira do rio, é tempo de piracema, é tempo de piracema!

Há um susto nas coisas; as mulheres deslizam em silêncio como peixe.

Mas é melhor que fique em silêncio o pescador humilde.

M 546
M 237
CM 23.7.54
DN Set. 67
Flu, março 79
Ele e Ela 129
RN 110

M 546 6-10-62